



A QUEDA DE NÚMENOR: O DILÚVIO NA MITOLOGIA TOLKIENIANA¹

Isabela Brito Oliveira – bebel_b_o@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7855-0534>

Eduardo Marks de Marques – eduardo.marks@ufpel.edu.br

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3067-7237>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a ocorrência do mitema do Dilúvio Universal na narrativa mitológica de J. R. R. Tolkien. A análise tem por base a utilização da definição de mitema a partir da perspectiva estruturalista de Claude Lévi-Strauss, assim como dos aspectos que compõem o mitema do Dilúvio Universal. Também são utilizadas as narrativas sobre dilúvios presentes na Epopeia de Atrahasis, na Epopeia de Gilgamesh e no primeiro livro da *Bíblia*, Gênesis, como exemplo de como este mitema se apresenta na literatura. Nosso objeto de estudo é a quarta seção do livro *O Silmarillion* ([1977] 2011), Akallabêth, que narra os acontecimentos que levaram o Ser Superior da mitologia tolkieniana, Eru Ilúvatar, a invocar as forças das águas para causar a destruição da ilha de Númenor e de seus habitantes. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica de trabalhos sobre mitos, mitemas, narrativas de dilúvios, mitologia tolkieniana e biografias sobre J. R. R. Tolkien. Após a análise realizada, concluímos que a maneira com que o autor faz uso do mitema do Dilúvio Universal em sua mitologia difere do que fazem os autores dos textos que utilizamos como exemplo tanto em estrutura como em conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; mitema; Dilúvio; Tolkien.

1 INTRODUÇÃO

Muitas obras literárias se utilizam de mitemas na construção de suas narrativas, o que lhes assemelha aos mitos das sociedades primitivas e lhes confere o caráter de mitologias modernas. Foi na intenção de criar uma mitologia para a Inglaterra que J. R. R. Tolkien reuniu vários desses mitemas em seus livros. Eles estão mais evidentes em *O Silmarillion*, que traz o início dessa mitologia com narrativas mais complexas que as de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Acreditamos que isso se deva a dois motivos. Primeiramente, *O Hobbit* foi escrito para ser uma história infantil, sem a intenção de que fizesse parte dessa mitologia e teve de ser adaptado à ela posteriormente, enquanto o projeto de *O Senhor dos Anéis* foi posto em prática com o pedido do editor de Tolkien por um “novo *O Hobbit*”, mas acabou tomando outro rumo. E, em segundo, quando iniciou a escrita de *O*

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

Silmarillion, Tolkien já tinha a intenção de começar seu projeto de criar uma mitologia que partia das histórias incluídas nele e finalizaria com os acontecimentos de *O Senhor dos Anéis*.

Dentre os vários mitemas utilizados por Tolkien, neste trabalho, analisaremos o do Dilúvio Universal. Partiremos da visão estruturalista de Claude Lévi-Strauss, buscando entender o que é um mitema, para, então, analisarmos a ocorrência do Dilúvio na mitologia tolkieniana. Também para esta análise, buscaremos entender qual é o mitema que os mitos em geral sobre dilúvios nos apresentam, dando maior atenção à narrativa bíblica, que acreditamos ser a que teve maior influência nos escritos de Tolkien pela importância da fé cristã em sua vida.

2 MITEMAS: O ESQUELETO DOS MITOS

Partindo de sua visão estruturalista, Claude Lévi-Strauss procura desvendar a estrutura a partir da qual se forma um mito. Em seus estudos, ele compara o mito à linguagem e percebe que existem elementos que se repetem nas mitologias dos mais diferentes povos e nas mais diferentes épocas. A esses elementos, ele dá o nome de mitemas e, primeiro, os define como as grandes unidades constitutivas de um mito. Mas essa definição não o satisfaz por dois motivos: 1) todas as unidades constitutivas consistem em relações; e 2) o método através do qual chegou a essa definição se situava num tempo não reversível, enquanto o tempo mítico, reversível e irreversível, continuava inexplicado. Ele, então, postula que as unidades constitutivas do mito não são, na verdade, relações isoladas, mas sim feixes de relações e que é através da combinação desses feixes que as unidades constitutivas adquirem uma função. (LÉVI-STRAUSS, 2017, p. 210-211)

São esses feixes de relações, ou seja, os mitemas que permitem que se perceba a existência de um mito em uma sociedade ou no interior de uma narrativa. (BUDAG, 2016, p. 66) Eles funcionam como o esqueleto do mito, pois são sua menor unidade com sentido, o argumento da história que será contada. Os espaços deixados na narrativa – seja de um mito de uma sociedade primitiva ou de uma ficção literária – podem ser preenchidos de diversas formas, por isso, os mitos e as narrativas que fazem uso desses mitemas podem soar como semelhantes, mas nunca serão exatamente iguais. Além disso, “[o] mitema não tem uma ordem propriamente dita para se manifestar, ele pode ser encontrado em vários mitologemas² reforçando sua potência como elemento gerador de sentido.” (GARCEZ, 2008, p. 91) Ou seja, ele pode aparecer em vários momentos centrais para a compreensão do mito, não apenas em um, como poderemos comprovar em 2.2 ao analisarmos a obra literária.

² De acordo com Garcez (2008, p. 85), “[o] mitologema pode ser entendido como uma parte da narrativa onde é identificado um acontecimento importante do mito, algo que contribui na formação do mesmo”.

Muitos autores se utilizam dos mitemas para construir seus textos. Um desses casos é o de J. R. R. Tolkien. Ao escrever sobre o mito finlandês do *Kalevala*, ele declarou que desejava que houvesse para os ingleses algo semelhante ao que encontrara ali. Partindo desse desejo e da ideia de criar povos que falassem as línguas que inventava, Tolkien empreendeu seu projeto de vida: criar uma mitologia inteira para a Inglaterra. (CARPENTER, 2018, p. 127-128) Devido a motivos como, por exemplo, o tempo que ele podia dedicar a isto e seu grande cuidado com suas criações – não apenas as histórias, mas também as línguas, as características físicas e psicológicas dos personagens, o nome mais adequado para eles e para os espaços em que se passariam as histórias em cada uma das línguas e cada mínimo detalhe –, o projeto não foi finalizado. Em vida, o autor publicou apenas duas obras que fazem parte de sua mitologia: *O Hobbit*, em 1937, e a trilogia *O Senhor dos Anéis*, entre 1954 e 1955. Os demais foram editados postumamente por seu filho Christopher Tolkien e, dentre estes, está o que dá início à mitologia, *O Silmarillion*, que foi publicado em 1977.

Neste artigo, analisaremos a quarta seção de *O Silmarillion* (2011), *Akallabêth*, que relata a história da destruição da ilha de Númenor e de quase todos seus habitantes. Nesta parte da mitologia tolkieniana, identificamos o mitema presente no mito do Dilúvio: um ser superior (ou vários deles) se volta contra a humanidade e decide aniquilá-la utilizando as forças das águas, mas algum membro do povo é avisado e acaba sendo poupado junto a outros membros, salvando-se a bordo de uma embarcação.

2.1 O MITO DO DILÚVIO

Quando pensamos no termo *Dilúvio*, nossa mente encontra uma série de imagens e significados que relacionamos a ele devido ao senso comum que se criou com a difusão de diferentes mitos com esse mesmo mitema. A narrativa mais conhecida é a bíblica, que nos conta como Deus decidiu acabar com a humanidade, que se havia corrompido, por meio de fortes tempestades, mas poupar Noé e sua família, assim como machos e fêmeas de animais para repovoar o mundo ao fim da inundação.

Segundo Moraes e Máximo (2016), a utilização da água nos mitos sobre Dilúvio se dá enquanto elemento arquetipal, pois ela significa vida, purificação, fertilização, punição e resiliência. Analisando a narrativa bíblica, percebemos a utilização da água como elemento punitivo para a humanidade corrompida; purificador para a terra que se libertará dos seres corrompidos; e fertilizador também para a terra que florescerá novamente. Sendo purificada e fertilizada, esta terra terá nova vida, que compartilhará com os homens e animais que sobreviveram à tempestade.

Na narrativa bíblica, o mito do Dilúvio aparece no livro Gênesis e é o resultado da combinação de duas outras narrativas independentes, a *narrativa monárquica eloísta do Dilúvio* – que tem Elohim como Deus – e a *narrativa sacerdotal javista do Dilúvio*³ – que tem Yahweh como Deus. Elas foram escritas em diferentes épocas e por diferentes pessoas com formações teológicas também diferentes. O produto final, ou seja, a narrativa que nos chega até hoje, foi também elaborada por pessoas diferentes das que produziram as narrativas base, em outra época e com formação teológica também distinta das primeiras. (RIBEIRO, 2017, p. 1447-1448)

Segundo Ribeiro (2017, p. 1464)

[...] ao menos quanto à Bíblia Hebraica, [...] narrativas de dilúvio são grades retórico-instrumentais, empregadas em contexto histórico-social específico, no qual servem de argumento ou contra-argumento em face de conflitos político-sociais que, no nível ideológico, e aos olhos dos instrumentalizadores do tema, podem ser retoricamente superados por meio desse tipo de narrativa. (RIBEIRO, 2017, p. 1464)

Isso significa dizer que as narrativas bíblicas sobre o mito do Dilúvio – o que inclui a narrativa monárquica eloísta e a sacerdotal javista – eram manipuladas com o objetivo de dirigir a população para o caminho pretendido pelo rei – no caso da monárquica eloísta – ou pelo sacerdote – no caso da sacerdotal javista. Como exemplo disso, o autor cita o caso da *golab* (*ibidem*, p. 1469), que utilizou esta narrativa a seu modo para explicar sua expulsão: o que os remanescentes de Judá entendiam como castigo, eles apresentaram como salvação. Esta utilização das narrativas como forma de manipulação do povo indica que o interesse não era simplesmente contar uma história sobre um Dilúvio, mas sim transformá-lo em um instrumento retórico (*ibidem*, p. 1477)

No texto de Gênesis, nos é dito que Deus percebeu a maldade no homem e se arrependeu de tê-lo criado, assim como aos animais. Então, decidiu exterminar a todos, mas Noé acabou chamando sua atenção por, apesar da corrupção dos demais, seguir sendo um homem justo e não tê-lo abandonado. Deus, então, instruiu-lhe a construir uma arca e a se refugiar nela junto a sua família e a um casal de cada espécie animal que existia para que sobrevivessem ao Dilúvio que enviaria e que varreria tudo o que existia na terra. Tudo foi feito conforme os desígnios de Deus e, durante quarenta dias e quarenta noites, o Dilúvio caiu sobre a terra, causando uma enchente que durou cento e cinquenta dias. Quando a arca encalhou, Noé soltou algumas aves para descobrir se já era seguro deixá-la: primeiro um corvo, que o fez perceber que a inundação não havia acabado; depois uma pomba, que também lhe permitiu atestar que ainda havia água na terra; novamente a

³ Nomenclaturas propostas por Ribeiro (2017, p. 1450)

pomba, que voltou com um ramo, o que sinalizava que a água já havia escoado; e, por fim, mais uma vez a pomba que, desta vez, não retornou. Deus falou novamente a Noé e lhe disse para que ele, sua família e os animais deixassem a arca e repovoassem a terra. Noé construiu um altar, onde fez sacrifícios para Deus, que estabeleceu uma aliança com ele e sua família, seus descendentes e os animais, prometendo nunca mais fazer nenhum mal à terra por culpa do homem. (Gn 6,5-9,17)

Mas os mitos sobre dilúvios já eram conhecidos de sociedades muito antes do surgimento da narrativa bíblica. Segundo Ascaso (2012, p. 37), “aparentemente, este mitema se tornou popular durante a chamada Dinastia de Isin, no século XX a.C.”⁴ (tradução nossa) O surgimento deste mitema no período babilônico se deve às contínuas inundações pelas quais passavam as bacias hidrográficas dos rios Eufrates e Tigre, que causavam catástrofes. Essas ocorrências ficaram na memória da população como um grande acontecimento de importância cósmica, o Dilúvio. (*ibidem*, p. 37) A importância cósmica se deve ao fato de que, “na tradição babilônica, [...] o Dilúvio é a linha divisória entre as duas grandes épocas da história da humanidade”⁵ (*ibidem*, p. 37, tradução nossa). Esta afirmação também vale para a tradição bíblica, mas, como veremos, não para a mitologia tolkieniana.

Como exemplo de narrativas babilônicas em que o mitema do Dilúvio Universal pode ser encontrado, temos a Epopeia de Atrahasis e a Epopeia de Gilgamesh. O primeiro é o mais antigo dos dois textos e acredita-se que serviu de base para o segundo devido a grande semelhança entre as duas narrativas. Na Epopeia de Atrahasis, o Dilúvio se dá depois que ocorrem brigas entre os deuses pelo poder. Os deuses jovens, que estão cansados de ter de cuidar do mundo, se voltam contra os deuses mais velhos e, para solucionar esse problema, a humanidade é criada. Ela passa a ser a encarregada de cuidar do mundo e dos deuses, porém acaba crescendo muito e fazendo um barulho insuportável que não permitia aos deuses dormirem. Várias coisas foram feitas na tentativa de resolver esse problema, mas, sem sucesso em nenhuma delas, os deuses decidem enviar o Dilúvio para acabar com a humanidade de uma vez por todas. Porém, um dos deuses tem um protegido entre os homens, Atrahasis, e avisa a ele que o perigo se aproxima e que ele deve preparar uma embarcação para se refugiar. Quando o Dilúvio começa, até mesmo os deuses se apavoram com a devastação que ele causa e acabam sofrendo suas consequências, pois passam fome e sede sem os sacrifícios dos homens. Vendo o resultado desse plano, o deus superior aconselha aos demais que, no futuro, apenas castiguem os verdadeiros culpados pelos atos. Atrahasis sai de sua embarcação e oferece um sacrifício aos deuses. Estes recriam os homens e, para que possam

⁴ “Al parecer, este mitema se hizo popular durante la llamada Dinastía de Isin, en el siglo XX a.C.” (ASCASO, 2012, p.37).

⁵ “En la tradición babilónica [...] el Diluvio es la línea divisoria entre las dos grandes épocas de la historia de la humanidad” (ASCASO, 2012, p. 37)

controlá-los e os problemas não se repitam, criam uma série de seres malignos e nocivos. (ASCASO, 2012, p. 59-63)

Já na Epopeia de Gilgamesh, a narrativa do Dilúvio é “uma versão abreviada e ligeiramente adaptada às exigências narrativas da sua Epopeia do texto transmitido”⁶ na Epopeia de Atrahasis (*ibidem*, p. 59, tradução nossa). São poucas as diferenças entre as duas narrativas e elas se devem, na maioria das vezes, a supressões feitas pelo autor da Epopeia de Gilgamesh. Gilgamesh não é o personagem principal da narrativa do Dilúvio que esta epopeia apresenta, mas sim Utnapstim. Estes dois personagens se encontram depois de uma longa jornada percorrida por Gilgamesh, quando ele está em busca da imortalidade e deseja que Utnapstim, o único homem imortal, lhe conte seu segredo para que ele também possa gozar da vida eterna. O imortal, então, lhe narra o episódio do Dilúvio para explicar que não há nada que possa fazer, não há segredo a compartilhar, pois tudo não passava de obra dos deuses, que decidiram exterminar a humanidade sem nenhum motivo e enviaram o Dilúvio. Utnapstim e sua esposa apenas sobreviveram pelo fato de ele ser protegido por um dos deuses, quem o avisou do que estava por vir e o instruiu a construir uma embarcação que flutuou nas águas enquanto tudo mais era destruído. Devido a suas sobrevivências, os deuses os consideraram como semelhantes a eles, imortais, e os penalizaram com a obrigação de viver em um local remoto, longe de todos os mortais. (*ibidem*, p. 47-57)

Como dito anteriormente, o mitema é o argumento do mito e a maneira como os autores preenchem os espaços deixados por ele é variável. Diferentemente da narrativa bíblica do dilúvio, onde Deus decidiu acabar com a humanidade por ela ter se corrompido, o que indica uma preocupação com o mundo, sua criação primordial, e seu futuro, nas epopeias babilônicas aqui citadas, os deuses acabam com a humanidade de maneira egoísta. No caso da Epopeia de Atrahasis, a decisão é tomada para que eles possam voltar a dormir em paz. Já na Epopeia de Gilgamesh, sequer há um motivo, os deuses, simplesmente, decidiram eliminar os homens. Outra diferença é que, na narrativa bíblica, Deus escolheu um homem para repovoar o mundo, enquanto que, nas epopeias, a intenção era aniquilar completamente a humanidade sem a intenção de um recomeço. Apenas houve sobreviventes porque um deus traiu aos demais e os homens foram recriados porque os deuses se arrependeram da destruição. Em resumo, cada autor lida com os mitemas em suas obras a seu modo. Nosso objetivo, agora, é entender como J. R. R. Tolkien lidou com o mitema do Dilúvio Universal em sua mitologia.

⁶ “una versión abreviada y ligeramente adaptada a las exigencias narrativas de su Epopeya del texto transmitido” (ASCASO, 2012, p. 59)

2.2 O DILÚVIO NA MITOLOGIA TOLKIENIANA: A QUEDA DE NÚMENOR

A mitologia tolkieniana se passa em três Eras, assim divididas: a Primeira Era começa com o fim da Primeira Guerra, quando os Valar vencem Melkor, que se retira de Arda, e termina ao final da Guerra da Ira, com a expulsão de Morgoth (Melkor) pelos Valar para o Vazio. Este também é o marco para o início da Segunda Era, que finalizará com a queda de Sauron pelas mãos de Isildur, começando a Terceira Era, cujo fim é marcado pela destruição do Um Anel na Montanha da Perdição, em Mordor.

O objeto de análise deste trabalho, a queda de Númenor, ocorre na Segunda Era. Com o fim da Guerra da Ira, os Valar – espécie de deuses de segunda ordem⁷ na mitologia de Tolkien – convocaram os elfos a retornar ao Oeste, onde passaram a habitar a ilha Tol Eressëa⁸. Mas nem todos quiseram voltar ao lugar onde tanto haviam sofrido, permanecendo na Terra-média, onde também permaneceram os homens que haviam se voltado para as trevas e lutado ao lado de Morgoth. (TOLKIEN, 2011, p. 322-324)

Os homens que lutaram ao lado dos Valar na Guerra da Ira receberam uma nova terra que foi criada especialmente para eles e que não fazia parte nem da Terra-média, nem de Valinor⁹: Númenor. Lá, eles progrediram durante muito tempo sob a proteção dos Valar e com a amizade dos elfos, tanto os de Eressëa quanto os que decidiram permanecer na Terra-média. Porém, eles não podiam navegar ao Oeste a uma distancia que não lhes permitisse enxergar o litoral de Númenor. Tal proibição foi imposta pelos Valar para que eles não ficassem tentados a procurar por Valinor, onde estavam proibidos de chegar por serem mortais. Viajando para o Leste, eles retornaram à Terra-média, onde reencontraram os homens que lá haviam ficado e lhes ensinaram muitas coisas para que progredissem. Mas, nessa época, os númenorianos¹⁰ não permaneciam muito tempo na Terra-média, pois o que realmente desejavam era viajar ao Oeste e chegar a Valinor. (TOLKIEN, 2011, p. 331-335) Foi neste momento que eles começaram a questionar e se voltar contra os desígnios dos Valar:

[...] E os númenorianos começaram a murmurar, de início em seu íntimo e depois em palavras francas, contra a sina dos homens e, principalmente, contra a Interdição de navegar para o oeste.

E diziam entre si: - Por que os Senhores do Oeste ficam lá, sentados em paz eterna, enquanto nós precisamos morrer e ir não se sabe para onde, deixando

⁷ Consideramos os Valar deuses de segunda ordem por serem a criação de um deus superior, Eru Ilúvatar.

⁸ Nome presente em *Quenta Silmarillion* (2011, p. 25-325). Em *Akallabêth* (2011, p. 329-359), a ilha é chamada de Eressëa. Acreditamos que isso se deva a uma mudança de nome que não se manteve no desenvolvimento da narrativa, visto que Tol Eressëa também aparece em *Akallabêth* em referência ao mesmo lugar.

⁹ Morada dos Valar no Oeste.

¹⁰ Grafia conforme apresentada em *Akallabêth* (2011, p. 329-359)

nossa casa e tudo o que fizemos? E os eldar¹¹ não morrem, nem mesmo os que se rebelaram contra os Senhores? [...] (*ibidem*, 335-336)

Aqui, também podemos perceber que não são apenas os desígnios dos Valar que começam a ser contestados pelos númenorianos, mas também os de Ilúvatar, quem determinou que, de seus Filhos, os Primogênitos (elfos) fossem imortais enquanto os Sucessores (homens) seriam mortais.

Como apresentado anteriormente, no mitema do Dilúvio Universal, há um ser superior que se volta contra a humanidade. No trecho citado acima, temos o começo da situação que motivou Ilúvatar a se voltar contra os númenorianos e enviar o Dilúvio para aniquilá-los. Esta é uma diferença entre os escritos de Tolkien e as narrativas citadas na seção anterior: enquanto aqueles deuses exterminam toda a humanidade e recomeçam o mundo do zero, Ilúvatar atinge apenas os númenorianos e poupa quem se manteve fiel a ele e aos Valar.

Após o surgimento desses questionamentos, o povo de Númenor começou a se dividir: a maioria da população, chamada de os Homens do Rei, se tornou arrogante e se distanciou dos elfos e dos Valar; os demais, apesar de leais ao rei e de compartilhar a aflição de seus companheiros, se mantiveram amigos dos elfos e seguidores dos Valar. Os deuses enviaram mensageiros para conversar com os númenorianos sobre os desígnios de Ilúvatar para o mundo, mas isso não surtiu nenhum efeito. Apesar de tudo, nenhum númenoriano desobedeceu às normas de navegação, pois temiam os deuses. Mas se tornaram negligentes com os sacrifícios que deveriam fazer a Ilúvatar, dando mais importância aos momentos de diversão, e sedentos por posses e riquezas, o que os levou a criar colônias na Terra-média, de onde seus navios retornavam a Númenor cheios de produtos destinados a enriquecer seus reis. (*ibidem*, p. 338-339)

Nessa mesma época, Sauron retomou seu antigo poder, mas temia os númenorianos e se retirou do litoral da Terra-média para não enfrentá-los. (TOLKIEN, 2011, p. 340) Durante o reinado de Ar-Pharazôn, Sauron atacou as colônias dos númenorianos, afirmando sua intenção de expulsá-los e destruir Númenor. O rei declarou guerra a ele e partiu para a Terra-média para derrotá-lo e torná-lo seu servo. Percebendo que não tinha condições de derrotar o rei, Sauron fingiu ser leal a ele, mas não o convenceu. Ar-Pharazôn, então, decidiu levá-lo para Númenor para poder vigiá-lo. Porém Sauron logo se tornou próximo ao rei, o que fez com que seus conselheiros o adulassem, com exceção de Amandil, e lhes contou mentiras, negando os ensinamentos dos Valar, o que fez com que Ar-Pharazôn e a maioria dos númenorianos voltassem seu culto para Melkor, abandonando Ilúvatar e os Valar. (*ibidem*, p. 343-346)

¹¹ Significa Povo das Estrelas. É o nome dado aos elfos que atenderam à convocação dos Valar e deixaram a Terra-média para viver nas Terras Imortais, na ilha de Tol Eressëa. Aos que permaneceram na Terra-média foi dado o nome de avari, que significa Os Relutantes. (LÓPEZ, 2004, p. 192)

No centro da cidade, foi construído um templo onde os homens faziam sacrifícios para Melkor, sendo as oferendas os membros da parcela de númenorianos que ainda era fiel aos Valar, e pediam que ele os libertasse da mortalidade. Mas isso não surtiu efeito, a morte seguiu alcançando-os e cada vez mais cedo. A maior diferença era que, agora, eles tinham medo de ir para a escuridão junto ao senhor que haviam escolhido. Dentre esses homens, encontrava-se Ar-Pharazôn, que se deixou convencer por Sauron a investir contra os Valar e tomar posse da terra dos imortais. (*ibidem*, p. 348-350)

Até aqui, foram apresentados os motivos que levaram Ilúvatar a se voltar contra os númenorianos, o que compreende a primeira relação do feixe que forma o mitema do Dilúvio Universal. Note-se que, diferentemente dos exemplos citados na seção anterior, onde os motivos que levaram os deuses a tomar sua decisão são poucos, aqui, Tolkien cria um ambiente de várias traições à fé que os númenorianos deveriam professar.

Como dito anteriormente, os mitemas podem ser encontrados em vários mitologemas nas narrativas, sem aparecer em uma ordem definida. Essa é mais uma diferença da narrativa tolkieniana em relação às outras narrativas citadas: há uma inversão entre a segunda relação – decidir aniquilar a população com o uso da força das águas – e a terceira – avisar a um membro do povo. Além disso, as relações estão distribuídas em dois momentos centrais: a primeira relação – as divindades se voltarem contra os númenorianos – está na parte inicial da narrativa, com um desenvolvimento mais demorado, enquanto a terceira, a segunda e a quarta – salvar alguns membros – estão na parte final, com um desenvolvimento mais rápido.

Outra diferença é que o aviso não é dado por nenhum deus, mas sim por um dos homens, quem percebe a intenção do rei:

[...] E Amandil, ao se dar conta dos propósitos do Rei, ficou consternado e tomado por enorme pavor, pois sabia que os homens não poderiam vencer os Valar na guerra; e que a ruína deveria se abater sobre o mundo se essa guerra não fosse impedida. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 350)

E é ele quem chama seu filho, Elendil, e o instrui a preparar embarcações para que possa fugir com outros fiéis:

[...] Mas a você, meu filho, e à sua gente, aconselho que preparem outras naus e que nelas ponham todas aquelas coisas das quais seu coração não conseguir se afastar. E, quando as naus estiverem prontas, fiquem no porto de Rómenna e façam circular entre os homens a notícia de que pretendem, quando chegar a hora, me acompanhar para o leste. Amandil já não é tão caro a nosso parente no trono, a ponto de deixá-lo muito triste, se procurarmos ir embora por uns tempos ou para sempre. Porém, não deixe que se perceba que você pretende levar muitos

homens, ou ele ficará perturbado, por causa da guerra que agora trama, para a qual necessitará de todas as forças que possa reunir. Procure os Fiéis que ainda são reconhecidamente leais e faça com que se juntem a você em segredo, se estiverem dispostos a ir com você, e a partilhar seu intento. (*ibidem*, p. 351)

A narrativa tolkieniana também difere das demais quanto ao número de embarcações utilizadas. Enquanto tanto na narrativa bíblica quanto nas epopeias apenas uma arca é construída para salvar a todos, nesta, nove embarcações deixaram o porto de Rómenna: “quatro para Elendil, três para Isildur e duas para Anárion.” (*ibidem*, p. 356)

O modo de Amandil falar com seu filho remete ao que Deus utilizou para instruir a Noé na construção de sua arca na narrativa bíblica:

Então Deus disse a Noé: “Para mim, chegou o fim de todos os homens, porque a terra está cheia de violência por causa deles. Vou destruí-los junto com a terra. Faça para você uma arca de madeira resinosa; divida em compartimentos e calafete com piche, por dentro e por fora. A arca deverá ter as seguintes dimensões: cento e cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e quinze de altura. No alto da arca, faça uma claraboia de meio metro, como arremate. Faça a entrada da arca pelo lado; e faça a arca em três andares superpostos.

Eu vou mandar o dilúvio sobre a terra, para exterminar todo ser vivo que respira debaixo do céu: tudo o que há na terra vai perecer. Mas com você eu vou estabelecer a minha aliança, e você entrará na arca com sua mulher, seus filhos e as mulheres de seus filhos. Tome um casal de cada ser vivo, isto é, macho e fêmea, e coloque-os na arca, para que conservem a vida juntamente com você. De cada espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis da terra, tome com você um casal, para os conservar vivos. Quanto a você, ajunte e armazene todo tipo de alimento; isso vai servir de alimento para você e para eles”. E Noé fez tudo como Deus havia mandado. (Gn 6,13-22)

Também remete ao utilizado pelo deus que fala com Utnapstim na narrativa do mito do Dilúvio presente na Epopeia de Gilgamesh, quando lhe diz para não deixar que as demais pessoas saibam o real motivo da construção de sua embarcação. Enquanto Amandil instrui o filho a dizer que irá a seu encontro, o deus diz a Utnapstim que informe que está indo embora porque despertou a ira de uma divindade (ASCASO, 2012, p. 49). Com base nessas duas semelhanças, na clara importância da fé cristã na vida de Tolkien e sabendo de seus estudos sobre mitologia, acreditamos que ambos os textos possam ter influenciado na construção de sua narrativa.

Tudo foi feito conforme as instruções de Amandil e, quando as embarcações dos númenorianos avançaram pelo oceano em direção a Valinor e atracaram em seu litoral, Ilúvatar utilizou as forças das águas para destruir a eles:

Então, Manwë sobre a Montanha invocou Ilúvatar; e naquela época os Valar renunciaram a sua autoridade sobre Arda. Ilúvatar, porém, acionou seu poder e mudou a aparência do mundo. Abriu-se então no mar um imenso precipício entre Númenor e as Terras Imortais; e as águas jorraram para dentro dele. E o estrondo e a espuma das cataratas subiram aos céus; e o mundo foi abalado. E toda a esquadra dos númenorianos foi arrastada para esse abismo, afundando e sendo engolida para sempre. Já Ar-Pharazôn, o Rei, e os guerreiros mortais que haviam posto os pés na terra de Aman foram soterrados por colinas que desmoronaram. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 355)

E também a ilha de Númenor:

[...] Meneltarma explodiu em chamas; vieram um vento fortíssimo e um tumulto na Terra; os céus tremeram e as colinas deslizaram; e Númenor afundou no oceano, com todas as suas crianças, esposas, donzelas e damas altivas; com todos os seus jardins, salões e torres; seus túmulos e tesouros; suas joias, seus tecidos, seus objetos pintados e esculpados, seu riso, sua alegria e sua música; seus conhecimentos e sua tradição: tudo desapareceu para sempre. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 356)

Mas, apesar disso, Elendil e seus acompanhantes conseguiram sobreviver:

[...] pela graça dos Valar, Elendil e seus filhos, e também seu povo, foram poupados da destruição naquele dia. Pois Elendil havia permanecido em Rómenna recusando-se a obedecer à convocação do Rei quando este partiu para a guerra. E, evitando os soldados de Sauron que vieram buscá-lo para arrastá-lo até a fogueira do templo, ele embarcou em sua nau e ficou parado ao largo da costa, à espera. Ali foi protegido pela terra do grande escoamento do mar que tudo arrastou para o precipício; e depois ficou abrigado da primeira fúria da tempestade. Contudo, quando a onda devoradora encobriu a terra, e Númenor tombou, nesse momento ele teria sido derrubado e teria considerado uma infelicidade menor perecer, pois nenhuma separação causada pela morte poderia ser mais dolorosa do que a perda e a agonia daquele dia. Foi, porém apanhado pelo vento forte, mais violento do que qualquer vento conhecido pelos homens, que veio ruidoso do oeste e empurrou suas embarcações para longe; e rasgou suas velas, quebrou seus mastros e perseguiu os infelizes como palha sobre as águas. (*ibidem*, p. 356)

Esse é o momento em que, assim como Noé, Utnapstim e Atrahasis, Elendil é ajudado por deuses. Na narrativa bíblica, é dito que Noé recebeu uma graça de Deus, que pode ser considerada como o recebimento das instruções para construir a arca. (RIBEIRO, 2017, p. 1463) No texto de Tolkien, Elendil também recebe uma graça dos Valar: um vento forte que afastou as embarcações do precipício que engolia Númenor.

Após muitos dias de tempestades que mudaram completamente a geografia do mundo, as naus da frota de Elendil atracaram na Terra-média, onde os Fieis aos Valar e a Ilúvatar fundaram reinos e prosperaram durante muito tempo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morais e Máximo (2016) dizem que a água é utilizada nos mitos sobre Dilúvio como elemento arquetipal, significando vida, purificação, fertilização, punição e resiliência. A partir da análise da narrativa do mito do Dilúvio na mitologia tolkieniana, afirmamos que ela também significa a morte, o que também pode ser comprovado nas outras narrativas aqui citadas, visto que, nelas, apenas quem estava a bordo das embarcações sobreviveu. Na narrativa tolkieniana, elfos e homens que viviam na Terra-média também sobreviveram – pois a força das águas foi dirigida exclusivamente para onde se encontravam os númenorianos –, assim como Sauron que, na verdade, não tem um corpo físico, é apenas um espírito que se transforma.

Além disso, na narrativa tolkieniana, a água também significa purificação e punição, visto que a população dos Sucessores foi livrada da parcela que se havia corrompido. Esta é punida por seus atos contra as vontades de seus deuses e por se voltar para as trevas. O fato de Ilúvatar não punir toda a sua criação o mostra como um Ser Superior diferente dos deuses das outras narrativas citadas nesse trabalho. Ele pune quem, a seus olhos, merece: os númenorianos.

Os Valar também são diferentes dos demais deuses, apesar de semelhantes aos da Epopeia de Atrahasis, pois também tentaram outras medidas antes do extermínio, como o envio de mensageiros para a resolução do conflito através do diálogo e o encurtamento da vida dos númenorianos. A decisão de exterminar essa parcela dos Sucessores é tomada por Ilúvatar quando nada mais surte efeito e os Valar renunciam a sua autoridade no mundo. Outra diferença é que os deuses tolkienianos são mais pacientes que o deus bíblico e os deuses das epopeias. Percebendo a inquietação que tomava conta dos númenorianos, os Valar tentaram conversar e acalmá-los, explicando os designios de Ilúvatar para eles. Ilúvatar, por sua vez, apenas age quando os Valar abrem mão de seu poder sobre Arda.

Outro elemento presente nas narrativas sobre os mitos do Dilúvio é o sacrifício que os homens salvos fazem aos deuses após o perigo passado. Diferentemente das narrativas bíblica e da Epopeia de Atrahasis aqui citadas, onde se fizeram sacrifícios para os deuses, na narrativa tolkieniana, finalizado o perigo, nada foi feito em agradecimento aos Valar, que salvaram a frota dos Fiéis. Acreditamos que isso se deva ao fato de que os sobreviventes não se sentiam agradecidos por isso, já que estavam tristes pela perda de seus amigos e parentes. Além disso, não há como se ter certeza de que os Valar e Ilúvatar pretendessem salvá-los desde o princípio, pois, diferentemente do que ocorreu nas outras narrativas aqui apresentadas, nesse caso, nenhum deus preveniu os Fiéis quanto ao Dilúvio que seria enviado e, aparentemente, os Valar sequer sabiam qual seria a medida

tomada por Ilúvatar. Por esses motivos, há a impressão de que a salvação das embarcações de Elendil se trata mais de ocasião e oportunidade do que de real intenção.

Por fim, voltemos a dois pontos abordados em 2.1. O primeiro é a afirmação de que, ao contrário do que ocorre nas narrativas bíblica e babilônicas, o Dilúvio não marca uma divisão entre duas épocas importantes na narrativa tolkieniana. Isso se confirma pelo fato de que a Segunda Era não acaba com a queda de Númenor. Isto é apenas algo que aconteceu naquele período, mas não é um marco divisório na história da Terra-média. O segundo é a afirmativa de que as narrativas bíblicas monárquica eloísta e sacerdotal javista sobre o mito do Dilúvio eram usadas como argumento ou contra-argumento para induzir às populações a seguir o direcionamento que pretendia a pessoa que os utilizava. Analisando a narrativa tolkieniana, percebemos que esse uso também pode ser feito com ela, pois há a mensagem de que quem dirigir sua fé para as trevas ou se voltar contra os deuses de qualquer maneira sofrerá as consequências disso, enquanto aqueles que se mantiverem fiéis serão recompensados com sua proteção até mesmo de sua própria ira.

4 REFERÊNCIAS

ASCASO, Joaquín Sanmartín. Misterio de Dioses: el diluvio en las tradiciones babilónica y bíblica. **ARYS: Antigüedad, Religiones y Sociedad**, Huelva, v. 10, p. 35-64, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10272/7736>. Acesso em: 12 jul. 2019.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo, SP: Paulus, 1990.

BUDAG, Fernanda Elouise. Sobre imaginário, mitos e arquétipos: exercício aplicado à narrativa audiovisual. **Novos olhares**, São Paulo, SP, v. 4, n. 2, p. 54-71, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2015.102083>. Acesso em: 05 jul. 2019.

CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien: uma biografia**. Tradução de Ronald Kyrmse. 1.ed. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins, 2018.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento. O mito, o herói, o artista. **Ohun**, Salvador, BA, v. 4, n. 4, p. 84-99, dez. 2008. Disponível em: http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/luciane_ruschel.pdf. Acesso em: 05 jul. 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2017. p. 205-231.

LÓPEZ, Rosa Sílvia. **O Senhor dos Anéis e Tolkien: o poder mágico da palavra**. São Paulo, SP: Devir: Arte & Ciência, 2004.

MORAES, H. J. P.; MÁXIMO, W. C. O dilúvio mítico e o mito da grande inundação de Tubarão (1974): recorrências e convergências no imaginário. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO

DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO, 2., 2016. Criciúma, SC. **Anais...** Criciúma: UNESC, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v0i0.2895>. Acesso em: 12 jul. 2019.

OLIVEIRA, C. C. Mitemas e matemas: uma perspectiva transdisciplinar para as pesquisas em educação matemática. In: SIPEMAT – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2., 2008. Recife, PE. *Anais...* Recife: UFRPE, 2008. p. 1-12. Disponível em: <http://www.lematec.net.br/CDS/SIPEMAT08/artigos/CO-22.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Interpretação histórico-social das duas narrativas de dilúvio da Bíblia Hebraica. **Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 48, p. 1446-1479, out./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n48p1446>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SOUZA, Ana Amália Torres; ROCHA, Zeferino Jesus Barbosa. No princípio era o mythos: articulações entre mito, psicanálise e linguagem. **Estudos de psicologia**, Natal, RN, v. 14, n. 3, p. 199-206, set./dez. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2009000300003>. Acesso em: 05 jul. 2019.

TOLKIEN, J.R.R. **O Silmarillion**. Tradução de Waldéa Barcellos. 5.ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. 470p.

VIANA, Nildo. Mito e ideologia. **Cronos**, Natal, RN, v. 12, n. 1, p. 79-89, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2122>. Acesso em: 05 jul. 2019

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien, o senhor da fantasia**. Tradução de Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro, RJ: Darkside Books, 2016.

Title

The Fall of Númenor: The Flood in Tolkien's Mythology.

Abstract

The present article aims to analyze the occurrence of the Universal Flood mytheme in J. R. R. Tolkien's mythological narratives. The analysis is based on the definition of mytheme from Claude Lévi-Strauss structuralist perspective, as well as the aspects that assemble the Universal Flood mytheme. Flood narratives found in the Epic of Atrahasis, in the Epic of Gilgamesh and in the first book of the *Bible*, Genesis, are also used in this study, as examples of how this mytheme arises in literature. Our object of studies is the fourth section of *The Silmarillion* ([1977] 2011), Akallabêth, which narrates the events that led the Supreme Being from the Tolkien's mythology, Eru Ilúvatar, to invoke the power of the water to cause the destruction of the island of Númenor and its inhabitants. The methodology used is a bibliographic review of works about myths, mythemes, flood narratives, Tolkien's mythology and biographies about him. Following the analysis made, we concluded that the way in which the author uses the Universal Flood mytheme in his mythology differs from what the authors of the texts taken as examples do in both structure and content.

Keywords

Mythology; Mytheme; Flood; Tolkien.

Recebido em: 31/07/2019.

Aceito em: 26/08/2019.